



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião com os presidentes das Federações das Indústrias**

**Belo Horizonte-MG, 06 de agosto de 2004**

É uma alegria muito grande, em pouco tempo nós estarmos fazendo a segunda reunião entre a CNI e as 27 Federações da Indústria do Brasil, para que possamos entrar numa discussão positiva para o nosso país.

Na última reunião, vocês entregaram não uma pauta de reivindicação, mas um documento que mostrava algumas das coisas que eram importantes que sofressem modificações, para que pudéssemos melhorar não só a nossa capacidade de produção, mas melhorar a economia brasileira.

Nós, hoje, estamos aqui, numa reunião em que o ministro Furlan e o ministro Palocci irão falar, dentre aquelas coisas que foram apresentadas, o que a gente conseguiu avançar. E vamos assinar hoje, aqui, enquanto Medida Provisória ou enquanto Decreto, e o que que a gente ainda tem que avançar mais para que possamos, então, fazer as mudanças que precisam ser feitas.

Eu quero dizer, Armando, que a gente não deveria ver essa reunião como mais uma reunião, nós deveríamos ver esta reunião como a consagração de um novo padrão de relacionamento entre o Estado brasileiro e os empresários brasileiros, entre o governo brasileiro e os empresários brasileiros, partindo do princípio que um governante não governa para si, ele governa para a nação; que os empresários têm muito a informar e muito a orientar o próprio governo, para que ele erre o menos possível e acerte o máximo possível. Nós temos muito mais a ganhar trabalhando juntos do que separados.

Então, eu espero que, a partir dessa reunião, nós consigamos tornar um hábito as reuniões mais organizadas, sistematizadas, para que a gente vá aperfeiçoando não apenas o relacionamento, mas também as decisões que o governo tem que tomar, as medidas que nós temos que mandar para o



Congresso Nacional e, quem sabe, num curto espaço de tempo, a gente recupere o tempo perdido onde, muitas vezes, conseguir uma audiência com um autoridade levava meses infindáveis e, depois, quando se entregava as reivindicações, levava-se outros meses para obter uma resposta. E, na maioria das vezes, as respostas eram sempre negativas.

Nós queremos estabelecer essa relação mais amiga, mais companheira, mais parceira, sabendo que nós temos pouco tempo pela frente e o Brasil tem urgência de crescer. E eu acho que essa reunião pode contribuir muito.

Antes de assinar, eu penso que é importante explicar algumas coisas. Primeiro, dizer aos empresários que estão aqui, que vocês podem contribuir muito com a aprovação do PPP, se vocês se dirigirem até o Senado e conversarem com os senadores, virem quais são os obstáculos que eles entendem que têm a proposta que o governo mandou para o Senado para que façamos o que tem que ser feito. O que não pode é que, por alguma divergência, você deixe de votar, hoje, um grande instrumento para alavancar o desenvolvimento deste país, sobretudo, no que diz respeito a uma necessidade primordial, que é a questão da infra-estrutura. A disposição do governo é total e absoluta. Agora, o governo não tem como obrigar o Senado a votar com a rapidez que nós gostaríamos.

E a segunda coisa é dizer para vocês que, no mês passado e neste mês, nós tivemos duas gratas surpresas. Primeiro, a vitória do Brasil contra os Estados Unidos na questão do algodão e, agora, a vitória do Brasil contra a União Européia na OMC, para a questão do açúcar. E mais importante ainda foi a reunião de Paris, onde os Estados Unidos, o Brasil, a União Européia, a Índia e a Austrália, numa reunião memorável que é, certamente, o indício de que a OMC vai mexer nos subsídios agrícolas, tanto nos Estados Unidos quanto na União Européia. Só para vocês terem uma dimensão, isso vai dar um movimento para os países em desenvolvimento, de quase 200 bilhões de dólares nos próximos anos, na hora em que tomar a decisão definitiva.



Isso demonstra que fazer aquilo que alguns queriam que nós fizéssemos, que não brigássemos, que aceitássemos tudo aquilo que alguns dizem que o império gosta, o império não gosta, o império concorda, o império não concorda. Nós resolvemos dizer que somos maiores de idade e queremos manter a melhor política com todos os países do mundo; não queremos brigar com ninguém, mas nós temos direitos, temos desejos e por eles nós brigaremos até as últimas conseqüências, e eu acho que vai ser muito importante.

Eu acho que, sobretudo, a classe empresarial brasileira vai viver momentos melhores daqui para frente, porque até o final do ano nós estaremos firmando um acordo com toda a América do Sul, no Mercosul. Eu acho que se abrem coisas importantes para nós e acho que se um país como o México está interessadíssimo em entrar no Mercosul é porque percebe que a sua relação, da forma que foi feita com o Nafta, não está dando os lucros que eles queriam que dessem, sobretudo, na questão da agricultura, e nós estamos muito otimistas também com o acordo Mercosul/União Européia. Portanto, eu acho que até o final do ano nós vamos ter boas notícias com relação a ampliação das possibilidades do Brasil.

Uma outra coisa que nós estamos levando muito em conta é a questão do financiamento do Brasil, através do BNDES, de algumas obras de infraestrutura para interligação da América do Sul. Todos vocês sabem que tem países que se o Brasil não colocar o dedinho dele ali, não conseguem dar um salto de qualidade para fazer uma rodovia, para fazer uma hidrelétrica e nós temos que ter em conta que esses países são potenciais consumidores das indústrias brasileiras, portanto, nós temos que dar condições para os nossos produtos poderem transitar livremente nesses países. Eu acho que há uma disposição de todos os presidentes e acho que nós vamos avançar muito nisso.

Nós vamos inaugurar, agora uma coisa muito pequena, mas é o primeiro símbolo. Nós vamos, no dia 11, inaugurar a primeira ponte entre Cobijas e



Brasília, no Acre. É a primeira ponte ligando os dois países, e vamos lançar a pedra fundamental e já começar a trabalhar no dia seguinte, de uma ponte, Assis Brasil, uma cidade peruana, ou seja, vai ser a primeira ligação física direta para que a gente possa transitar por cima do rio Acre.

A questão das concessões, Mascarenhas, nós, no ano passado, tivemos um problema com sete concessões que estavam quase prontas para serem encaminhadas. O que aconteceu na verdade? Nós tínhamos uma decisão do Tribunal de Contas de 4 a 4. Houve um desempate por conta do Presidente do Tribunal de Contas e o presidente Fernando Henrique Cardoso, sabendo que era delicado tomar uma decisão em favor de uma votação que deu empate, não tomou a decisão, ficou dois anos sem tomar a decisão.

Nós resolvemos, no mês em que nos reunimos com o Ministro dos Transportes, que a gente, ao invés de fazer as sete concessões, fizéssemos três como experiência, porque havia a denúncia de super valorização dos preços, no dia que nós nos reunimos. No dia seguinte, o Tribunal de Contas desempatou, tomou uma decisão por unanimidade e proibiu as concessões. Nós tivemos que refazer tudo. Agora, eu estava conversando com o José Dirceu que coordena a câmara que cuida disso, e até dezembro nós vamos fazer a licitação para essas sete concessões, e para março do ano que vem vamos fazer outras.

Quero lembrar a vocês uma coisa delicada e chamar a atenção. Bom, aqui não tem mais deputados, todos são ministros, mas quero dizer para vocês o seguinte: a gente fica olhando nos jornais e vê o seguinte: porque o Ibama proíbe licenciamento prévio? Vamos “devagar com o andor, porque o santo é de barro”. Vejam, o Ibama cumpre leis e as leis são feitas pelo Congresso Nacional.

Ao aprovar toda a legislação que regula o funcionamento do Ibama e do Ministério do Meio Ambiente, criou-se uma lei, um artigo que, na verdade, responsabiliza criminalmente o fiscal que dá o licenciamento prévio. Se ele der



um licenciamento ilegal e o Ministério Público for para cima dele, ele vai ser processado. O que acontece? Ora, eu sou fiscal, está sob a minha responsabilidade dar licença para uma hidrelétrica entre Chapecó e não sei o que lá... eu vou dar, mas tem um probleminha. Aí o Ministério Público vem para cima de mim, vai me acionar criminalmente e aí o Estado não vai me proteger e eu terei que contratar advogado particular, gastar dinheiro. O que o fiscal faz? Ele não dá o licenciamento.

Então, a nossa idéia é tentar esse perfeccionismo. Acho que vocês conhecem bem, no Congresso Nacional, muitas vezes, o Poder Executivo é obrigado a vetar muitas coisas, porque as pessoas fazem acordo: “vamos votar tal coisa. O Presidente vai vetar, mas tudo bem, eu voto assim porque eu justifico para a minha base tal medida.” Então, nós vamos ter que mandar um projeto de lei para mudar esse artigo que pune criminalmente os fiscais, senão não tem licenciamento. E não adianta xingar a Marina. O fiscal não vai fazer. E não vai fazer de inteligente que é, de esperto, porque ele fica órfão de pai e mãe nessa coisa.

Além do que, você tem um Ibama nacional, Ibama estadual, Ministério Público Federal, ou seja, é uma salada onde, às vezes, o Ibama nacional concorda, às vezes, o Ibama estadual concorda, às vezes, o Ministério Público Federal concorda. Aí um cidadão qualquer, de uma cidade qualquer, entra com uma ação, o Ministério Público municipal vai lá e embarga a obra. Quem é de São Paulo sabe. Aquela, perto da Uniban, lá na Ford, aquela passarela que enche d'água. Desde o governo Quérzia que aquilo está para ser construído e o Ministério Público embargou porque ia levar muita água para São Caetano. Então, meu caro, no Brasil, ou nós fazemos uma confluência dessas leis para que uma não atrapalhe a outra, ou nós ficamos vivendo a situação. O mesmo estado que concede a obra, é o mesmo estado que proíbe que a obra aconteça, por conta da legislação que nós vamos ter que mudar.

E aí nós queremos também pedir a ajuda de vocês para ver esses



gargalos e ajudar a gente a fazer as mudanças que precisam ser feitas.

Nós estamos trabalhando, o José Dirceu tem a responsabilidade, junto com os outros ministros da área de infra-estrutura. Já pedi ao Furlan, semana passada, que me entregasse todos os gargalos que nós estamos vivendo, no Brasil, hoje, ou seja, onde é que a coisa está pegando, porque é exatamente esses gargalos que nós vamos ter que atacar. A produção brasileira precisa começar a crescer para a gente perceber, governador Aécio, que no Brasil, hoje, está faltando 3 mil containeres. Mas descobrimos agora porque a economia cresceu. Antes não sabíamos. E nós temos só uma fábrica que produz, ou seja, não é fácil produzir, porque precisa ter uma empresa que alugue esses containeres, ou seja, tem muita coisa para começar.

Vocês sabem da minha decisão histórica, de não ficar remoendo o passado. Essa semana eu fiz uma reunião, o José Dirceu participou comigo, com as Forças Armadas, que está em estado pré-falimentar. Quem conhece um pouco sabe do que eu estou falando, ou seja, simplesmente, durante 15 anos, não se fez absolutamente nada para manter as coisas que a gente tinha funcionando.

Então, hoje nós temos 70% dos aviões da Força Aérea paralisados. E de vez em quando, o Ministro pega um voo, e com cinco minutos que levanta tem que voltar, porque está fumaçando dentro do avião. Esses dias, sobrevoando os Andes, o ministro Celso Amorim teve o fundo da sua mala queimada, de tão quente que ficou dentro do avião.

Agora, tudo isso é desleixo, porque você não vai fazendo a manutenção das coisas que construiu. Peguem as estradas brasileiras. Se você tem um buraco pequeno e não tapa, ali, na hora, deixa ele crescer, vai ficar muito mais caro.

Então, houve uma responsabilidade imensa que nós temos que recuperar. E essas coisas não se recuperam do dia para a noite. É por isso que, para nós, é importante a aprovação do PPP, porque o PPP, nós vamos



trazer para a infra-estrutura, um manancial de recursos que está nas mãos da iniciativa privada e que pode disponibilizar desses recursos, fazer os investimentos necessários, na medida em que haja garantia dessa parceria.

Eu acho que essa reunião de hoje, é uma reunião, Armando, que marca um novo tempo nas nossas relações. Vocês nunca vão ouvir do Presidente da República, dos ministros, a pergunta: “para que time vocês torcem, a que religião vocês pertencem, a que partido vocês são filiados, em que candidato vocês votam?” Ou seja, essa pergunta está proibida de ser feita. O que nós queremos é o seguinte: este país vive um momento auspicioso e a gente não pode permitir que coisas menores atrapalhem a conquista que nós tivemos, que não é uma conquista do governo, é uma conquista da sociedade brasileira, que acreditou, que sofreu nos momentos que precisava sofrer. Vocês sabem que muita gente “comeu o pão que o diabo amassou.” Agora que as coisas começaram a andar, nós não podemos permitir que nada menor atrapalhe.

E aí eu queria dizer ao meu companheiro Eduardo Eugênio, eu acho que o denunciismo não ajuda ninguém neste país. Eu acho que é importante que todos saibamos o que cada um pode fazer, porque o que nós estamos assistindo no Brasil há alguns anos, é pessoas serem condenadas e massacradas por manchetes de jornais. Passam-se 50 anos e não se prova um único erro daquela pessoa. Somente quem não tem filhos, somente quem não tem amigos é que não sabe o que significa uma denúncia vazia, porque na verdade elas são vazias.

O papel correto seria investigar, apurar, e quando tiver a denúncia concreta, a apuração concreta, mandar prender o cidadão. Agora, do jeito que é feito no Brasil, eu acho que não contribui com o crescimento da economia, não contribui com a auto-estima que está tomando conta deste país, e acho que cada um de nós pode fazer alguma coisa para começar a minimizar isso.

Eu digo sempre o seguinte: não tem nenhum problema que alguém fale mal do presidente, o presidente é um homem público, todo mundo pode falar



mal dele, aliás, presidente é como pote de água benta, todo mundo acha que pode falar mal dele, mas não tem problema. Agora, podem nominar as pessoas, mas é preciso que dêem uma credibilidade a este país, que muitas vezes foi vendido em verso e prosa lá fora, como se fosse um país só de miséria. Nós nos encarregamos de vender o país como um país só de miséria. Este país está provando, a cada dia, que nós não temos medo de competir em nenhuma área com nenhum outro país.

Não temos nenhuma preocupação. Em qualquer área empresarial nós temos condições de competir. Agora, competir significa que nós temos que ser ousados. Uma vez eu parabeneizei o Piva porque ele foi ao Japão com uma delegação de empresários e isso, cada um de vocês pode fazer, pode montar uma delegação de empresários nos seus estados e viajar pelo mundo e vender, porque vender significa isso. Vocês, mais do que eu, sabem perfeitamente bem que vender significa isso, significa cada um de vocês ser um mascote, ser um representante da categoria que representam e sair para vender. Se ficar aqui esperando que venha um chinês, um finlandês, um norueguês comprar, tem lugar mais perto. Nós temos que aproveitar este momento histórico em que o Brasil está virando uma espécie de moda internacional. Nós precisamos aproveitar este momento.

Portanto, eu quero pedir a vocês empresários que se mobilizem, que peguem delegações de empresários do estado de vocês, que visitem estados americanos, que visitem outros países para vender os produtos, porque é assim que vocês vão fazer crescer a economia do estado de vocês e do Brasil.

E a última coisa, que eu venho reivindicando, que vocês, ao voltarem para os seus estados poderiam falar com os governadores de vocês. Eu digo sempre o seguinte: o Brasil só teve um estado que soube fazer propaganda dele mesmo, que foi a Bahia. O povo baiano, nesses últimos 20 anos, recuperou a auto-estima porque ao invés de ficarem chorando os preconceitos que tinham contra a Bahia, a gente ligava a televisão e tinha uma propaganda





da Bahia, em cadeia nacional. Era o axé baiano, era o carnaval baiano, era o pelourinho baiano, era a praia baiana, era a comida baiana, era o acarajé. Até agora, só a Bahia fez isso. Eu fico imaginando o potencial de turismo que nós temos neste país, se cada estado do Nordeste fizesse propaganda do seu estado nacionalmente, porque a televisão mostra o crime, os jornais estampam em manchete, mas as coisas boas ninguém mostra. Então, é preciso que os governadores resolvam recuperar sua auto-estima fazendo propaganda do seu estado, nacionalmente.

Minas gerais por exemplo, do ponto de vista histórico e turístico, talvez seja o estado que tenha mais coisas a oferecer para este país. Agora, é preciso que o Brasil saiba, que a gente precisa desenvolver o turismo aqui dentro, que gera muito emprego, que gera renda, de forma extraordinária. Então, eu gostaria que quando vocês voltassem, pegassem os governadores de vocês nos estados, gastassem um pouquinho de dinheiro, fizessem parceria com as empresas de turismo, e fizessem propaganda.

O que a Paraíba tem de bom? O que o Ceará tem de bom? Vejam, o Ceará só tem mostrado a miséria do Ceará. Esses dias eu recebi os meninos das Olimpíadas da Matemática, o maior estado da olimpíada é o Ceará, e tem gênio. Um moleque de 13 anos fazendo mestrado, um moleque de 17 anos fazendo doutorado, uma menina de 16 anos ganhando medalha, numa demonstração de que se nós acreditarmos em nós, meu caro, sai da frente, porque este Brasil vai deixar de ser um país emergente para ser um país definitivamente desenvolvido, competitivo e, quem sabe, fazer logo, logo, parte do grupo dos 8, porque estamos cansados de andar para trás.

Por isso eu vou assinar as coisas que eu tenho que assinar aqui, depois eu tenho uma reunião com o governador Aécio, mas quero dizer para vocês: não existe tema proibido para se discutir neste governo. Vocês só não podem impedir um mandato meu e do José Alencar porque nós fomos eleitos, mas não existe tema proibido. Eu acho que a gente vai resolvendo as coisas na



medida em que vai tendo conhecimento, na medida em que vocês vão colocando no papel, na medida em que a gente vai conversando coisas que pareciam impossíveis e que vão se transformando em coisas possíveis.

Por isso eu quero agradecer a idéia, primeiro do Robson, em me convidar para vir às Olimpíadas do Conhecimento; segundo, a oportunidade de rever, de forma emocionada, pessoas que me fizeram tão bem na vida, que foram o meu professor do Senai e o meu torno, aquele torninho ali, possivelmente, tenha sido o meu principal cabo eleitoral para ser presidente da República e está conservado e bonito como nunca. E terceiro, a essa reunião aqui. Quando o Robson e o Armando me procuraram eu falei: vamos aproveitar e vamos fazer a reunião lá em Minas Gerais, aí o Aécio já deixa de reivindicar muito do Palocci, nós damos um agrado a ele e fazemos a reunião.

Eu acho que este é um dia histórico. Eu acho que Minas Gerais sedia grande parte do PIB brasileiro hoje, aqui, reunido. Acho que essa reunião mostra que a gente poderia, quem sabe, fazer outras, Armando, em outros estados, quem sabe para prestigiar outros estados e as pessoas perceberem que o Brasil está, definitivamente, de bem com a vida.

Muito obrigado, gente.